

Comparação entre dois métodos de assistência técnica na atividade leiteira

Amaro Hillesheim e Dietmar Kurtz

Atualmente os laticínios coletam leite praticamente em todo o Estado de Santa Catarina, porém a maior concentração ocorre nas regiões Leste e Oeste, com 35 e 45% da produção, respectivamente (1). Para atingir a atual distribuição ocorreu uma evolução, pois em 1977 as microrregiões de Itajaí, de Joinville, de Blumenau e de Rio do Sul contribuíam com 84% do leite industrializado e com 88% dos fornecedores (2). Assim se observa que a atividade leiteira migrou para o interior do Estado e entrou em decadência nos locais mais antigos, tanto que hoje alguns locais têm produção inferior a que tinham no passado.

A extensão rural se implantou em Santa Catarina em 1956 e atuou essencialmente através dos métodos grupais. É praticamente um consenso que a metodologia tradicional de assistência, quando usada exclusivamente, não dava os resultados necessários na atividade leiteira. Em 1985 a ACARESC atribuiu a um de seus técnicos a função de realizar um trabalho piloto com assistência técnica dirigida, que consistia num atendimento individualizado e intensivo. Esta assistência apresentou consideráveis avanços nos resultados técnicos e econômicos (3). Este trabalho foi realizado no Médio Vale do Itajaí, na mesma época em que ali se fazia um acompanhamento de propriedades representativas com produtores clientes da assistência técnica tradicional.

Diante destes fatos, desenvolveu-se o presente estudo com o objetivo de fazer um contraste entre alguns parâmetros, comparando a evolução técnica das propriedades atendidas pela assistência dirigida com as propriedades acompanhadas, clientes da assistência tradicional.

Material e métodos

Foram analisados os resultados de quatro produtores pelo método grupal e três produtores pelo método dirigido, dos quais se obtiveram 119 e 103 observações, respectivamente. A Tabela 1 fornece a caracterização de cada produtor. Consideraram-se apenas as observações em cujo intervalo de parto se fez um controle leiteiro no transcurso da lactação, obtendo-se, desta forma, as variáveis: duração da lactação (DL), em dias; intervalo de partos (IP), em dias; e a produção média diária de leite por dia de intervalo de parto ou produtividade (PL/IP), em kg/dia. A produtividade engloba o período de lactação e o período seco.

No método tradicional, a extensão procurava interferir junto ao produtor através de reuniões, demonstrações a campo, campanhas, programas de rádio, lideranças rurais e com eventuais visitas. No método dirigido, o extensio-

nista trabalhava com visitas individuais e sistemáticas, capacitando o produtor na gerência da atividade, fazendo-o atingir e observar alguns pontos básicos, como: um parto a cada doze meses; pico de produção entre 35 e 50 dias pós-parto; queda de produção mensal máxima de 10%; coberturas entre 50 e 90 dias pós-parto; período seco de dois meses; descarte das vacas com as produções mais baixas; manejo da vaca seca; e controle do desenvolvimento ponderal das terneiras. O controle reprodutivo, o controle do rebanho e um controle leiteiro eram os instrumentos básicos para monitorar o desempenho. A cada visita, estes controles eram avaliados e discutidos junto com o produtor e sua família. As atitudes a serem tomadas pelo produtor recaíam com maior frequência sobre a alimentação. Assim, a maior alteração na tecnologia empregada pelo produtor deu-se na alimentação, sem perder de vista a sanidade, a reprodução e adap-

Tabela 1 - Perfil dos produtores, segundo os grupos de assistência técnica

Método/Município	Área para bovinos (ha)	Rebanho inicial (cabeça)		Raça	Produção de leite (kg/dia)		
		Total	Vaca		1985	1989 ou 90	
Assistência tradicional							
I Blumenau	8,0	15	9	Holandesa/ Mestiço	60	57	
II Pomerode	9,7	15	6	Holandesa	53	28	
III Timbó	9,6	22	11	Holandesa	55	54	
IV Pomerode	6,3	12	8	Holandesa	33	71 ^(A)	
Assistência dirigida							
I Timbó	7,5	25	14	Jersey	77	148	
II Pomerode	2,6	9	5	Jersey	28	50	
III Pomerode	12,7	15	7	Holandesa/ Mestiço	42	142	

(A) Produtor que evoluiu expressivamente, por ser vizinho da propriedade III da assistência dirigida.

tação da mão-de-obra.

No método tradicional, um dos produtores absorveu grande parte das tecnologias do método dirigido por ser vizinho de um dos produtores com assistência dirigida. Mesmo assim, manteve-se o mesmo no grupo tradicional tendo em vista que esta situação também faz parte do método grupal de extensão.

A análise de variância, pelo método de quadrados-mínimos, foi executada para as três variáveis em relação aos fatores método de assistência e ano; e com desdobramento do fator ano dentro de cada método de assistência com a finalidade de evidenciar a evolução ocorrida em cada método de assistência.

Resultados e discussão

A Tabela 2 apresenta as médias gerais e detalha a evolução ocorrida em cada método de assistência para a duração da lactação, intervalo de partos e produtividade.

Comparação das médias gerais

Na comparação da média geral da duração da lactação foi constatada diferença altamente significativa ($P < 0,01$) entre os grupos, com média de 335 dias no método tradicional contra uma média de 302 dias no método da assistência dirigida. Sendo o padrão de 305 dias, o grupo da assistência dirigida mostrou um desempenho perfeito enquanto o grupo da assistência tradicional apresentou um resultado distante do padrão.

A comparação da média geral do intervalo de partos apresentou diferença altamente significativa ($P < 0,01$) entre os grupos, com média de 406 dias no método tradicional contra 367 dias no método dirigido. Assim, o padrão de 365 dias para intervalo de partos foi plenamente atingido pelo grupo da assistência dirigida. Em rebanhos de alta produção são admissíveis e, às vezes, até recomendados intervalos de parto maiores (+420 dias). Mas no presente estudo os rebanhos de baixa produção tiveram intervalos de parto elevados e os produtores com assistência dirigida, com altas produções, atingiram inter-

valos de parto idênticos ao padrão de 365 dias, o que é um fato até raro.

A comparação da média geral referente à produtividade também apresentou diferença altamente significativa ($P < 0,01$) entre os grupos. Os produtores com assistência tradicional registraram média de 6,7 litros/dia enquanto os da assistência dirigida, 9,5 litros/dias. Deve-se realçar que no grupo tradicional predominavam vacas da raça holandesa, enquanto que nos da assistência dirigida prevalecia a raça Jersey (Tabela 1). Para ter-se melhor noção comparativa, salienta-se que em um rebanho holandês de alta qualidade e alto padrão de manejo, há registro de 9,8kg/vaca/dia (4). Rebanhos de raça holandesa em Castrolândia, PR, também alcançaram 12,2kg/vaca/dia (5).

Comparação da evolução anual

A comparação dos grupos através das médias gerais apresenta uma visão estática do nível técnico de cada grupo de produtores. Porém, o mais interessante é a comparação da evolução ao longo do tempo dentro de cada grupo de assistência técnica, o que dá uma visão dinâmica do efeito da assistência na atividade da produção de leite.

Assim procedendo, se observa que a duração da lactação e o intervalo de partos não apresentaram diferença significativa ($P > 0,05$) na evolução ao lon-

go do tempo, tanto no grupo com assistência tradicional como no grupo com assistência dirigida. Isto significa que cada grupo permaneceu no mesmo nível técnico do início ao fim deste estudo, em relação à duração da lactação e ao intervalo de partos. Porém, com médias bem distintas, ou seja, o grupo tradicional permaneceu, do início ao fim, ao redor do nível de 335 dias de duração de lactação e 406 dias de intervalo de partos, enquanto que o grupo com assistência dirigida se manteve no nível de 302 dias de lactação e 367 dias de intervalo de partos.

O grupo com assistência tradicional apresentou um desempenho muito irregular, e por isso nada melhorou no decorrer do período deste trabalho. O grupo com assistência dirigida também não evoluiu ao longo do tempo, pois já apresentava desde o início médias anuais tão próximas do padrão de 365 dias que não tinham como ser melhoradas. Bastava que não se afastasse dessa média, e isso foi atingido.

No entanto, a variável fundamental deste estudo é a produtividade, pois esta concilia a produção de leite e o intervalo de partos ao mesmo tempo. Assim, a produtividade resume melhor a evolução técnica no setor de produção de leite. Desta forma, se observa, na Tabela 2, que a evolução da produtividade ao longo do tempo também não apresentou diferença significativa ($P > 0,05$) no grupo com assistência tra-

Tabela 2 - Evolução anual do número de observações e médias da duração da lactação (DL), em dias; intervalos de parto (IP), em dias; e produtividade ou produção média diária de leite (PL/IP), em kg/dia, segundo o método de assistência técnica

Ano	Assistência tradicional				Assistência dirigida			
	Número de observações	DL	IP	PL/IP	Nº de observações	DL	IP	PL/IP
Média geral/significância entre médias	119	335	406	6,7	103	302**	367**	9,5**
CV%	-	31	28	39	-	12	10	40
Significância entre anos	-	ns	ns	ns	-	ns	ns	**
1985	29	347	404	6,5	3	275	341	6,7
1986	29	327	398	6,6	8	313	389	6,8
1987	26	316	401	6,3	19	308	374	8,1
1988	26	357	437	6,5	22	291	352	9,9
1989	9	308	363	9,6	20	302	361	10,6
1990	-	-	-	-	31	305	374	10,3

Notas: a) ns - não significativo ($P > 0,05$).
b) ** - significativo ($P < 0,01$).

dicional, porém, esta evolução foi altamente significativa ($P < 0,01$) no grupo com assistência dirigida. Assim, ficou mais uma vez caracterizado que o grupo com assistência tradicional manteve-se do início ao fim com nível tecnológico de uma produtividade de 6,7 litros por dia de intervalo de partos, ou seja, tiveram níveis de produtividade idênticos de 1985 a 1988. O bom desempenho registrado em 1989 neste grupo deve ser visto com ressalvas, já que se refere a um pequeno número de observações registradas na propriedade vizinha a uma com assistência dirigida e que particularmente experimentou uma sensível evolução, tanto que em nenhum dos casos a análise estatística acusou diferença significativa na análise da evolução ao longo dos anos no grupo com assistência tradicional. Portanto, esta aparente melhora no último ano não foi consistente a ponto de caracterizar uma real evolução na tecnologia utilizada. Os produtores da assistência dirigida, mesmo iniciando com uma produção bem modesta, muito típica da região, registraram uma evolução real e significativa. O nível de 10,3kg/dia atingido em 1990 já demonstra um alto nível de produção, salientando que eram quase todas vacas Jersey.

Conclusões/recomendações

Houve marcante diferença entre os

métodos de assistência, sendo esta favorável à assistência técnica dirigida em todos os sentidos, atingindo índices de rebanhos especializados. No método tradicional, no período estudado, não se constatou nenhum tipo de progresso, o que, em conseqüência, resulta na estagnação do setor, ou pelo contrário, a tendência é perder espaço para outras atividades que vão se modernizando.

Por isso, diante dos resultados expostos neste estudo, a assistência técnica na atividade leiteira deve ser reorientada na sua forma de atuação. O ideal seria uma assistência dirigida como a que foi realizada, porém sabe-se que a relação técnico/produtor não permite uma assistência individualizada e intensiva. No entanto, deve-se buscar uma conciliação na forma de atuar, aproveitando vários aspectos da assistência dirigida, como por exemplo, que o produtor faça controles do rebanho, da reprodução, da produção de leite, buscando, desta forma, os pontos básicos que norteiam a eficiência técnica na produção de leite. Outra forma seria cada técnico manter duas a três propriedades com assistência dirigida, e utilizá-las como unidades demonstrativas para a assistência técnica tradicional. Assim seria possível evitar decadência de uma atividade, que tem nas suas características a capacidade de desenvolver-se próximo aos grandes centros urbanos, e não é lógico que se

continue a migrar para locais cada vez mais distantes.

Literatura citada

1. INSTITUTO CEPA/SC. *Síntese anual da agricultura de Santa Catarina 1990-91*. Florianópolis: 1991. v.1.
2. GRUMANN, A.; BUFFON, R.L.; SANTA CATARINA, W. *Diagnóstico da bovino-cultura catarinense*. Florianópolis: ACRESC. 1977. 203p.
3. KURTZ, D., LAMSTER, E.C. *Produzir leite - Vale a pena?* Florianópolis: EPAGRI, 1992, 11P. (EPAGRI. Documentos, 132).
4. MADALENA, F.E.; VALENTE, J.; TEODORO, R.L.; MONTEIRO, J.B.N. Produção de leite e intervalo entre partos de vacas HPB e mestiças HPB:GIR num alto nível de manejo. Pesquisa Agropecuária Brasileira, Brasília, v.18, n.2, p.195-200, 1983.
5. RIBAS, N.P. *Fatores de meio e genéticos em características produtivas e reprodutivas de rebanhos Holandeses da bacia de Castrolândia, Estado do Paraná*. Viçosa, UFV, 1981. 141p. Tese Mestrado.

Amaro Hillesheim, eng. agr., M.Sc., Cart. Prof. 1.783-D, CREA-SC, EPAGRI/Estação Experimental de Itajaí, C.P. 277, Fone (047) 346-5244, Fax (047) 346-5255, 88301-970 Itajaí, SC e **Dietmar Kurtz**, eng. agr., Cart. Prof. 201-D, CREA-SC, EPAGRI/Estação Experimental de Itajaí, C.P. 277, Fone (047) 346-5244, Fax (047) 346-5255, 88301-970 Itajaí, SC □

Seu anúncio na revista
Agropecuária Catarinense atinge as
principais lideranças agrícolas do
Sul do Brasil.
Anuncie aqui e faça bons negócios.